

A MAIS-VALIA EPISTEMOLÓGICA DA CATEGORIA *LITERATURA-MUNDO COMPARADA* NOS ESTUDOS LITERÁRIOS E PÓS-COLONIAIS¹

Inocência Mata²

Não podemos ignorar que o pensamento hegemônico se firma por meio de um permanente estado de negociação no campo das mentalidades.

Juca Ferreira (2017)

RESUMO

Literatura-Mundo, campo relativamente novo nos estudos literários, é uma categoria que deve ser entendida no âmbito da Literatura Comparada. Entendida como “refracção elíptica das literaturas nacionais”, que muito ganha como a tradução, literatura-mundo deve ser considerada um “modo de ler” (DAMROSCH, 2003, p. 281). É por isso que se torna um instrumento importante pois, como afirma David Damrosch, a literatura-mundo não é um infinito, inapreensível cânone das obras, mas sim um modo de circulação e de leitura, um modo que é tão aplicável a obras individuais quanto a um corpo de obras, um modo disponível tanto para ler clássicos consagrados quanto para ler novas descobertas. Sobretudo num espaço-tempo (pós-colonial) em que obras de escritores de espaços outrora colonizados se “confrontam”, não raramente, como os da ex-metrópole. O que pretendo nesta reflexão é mostrar como no âmbito da produção cultural, de que a literatura é uma vertente, esta categoria permite considerarem-se outros paradigmas, perspectivas, gostos estéticos e, sobretudo, pontos de observação, para dar conta da diversidade das tradições literárias, sem que uma hierarquização se torne bisettriz dos estudos literários, como normalmente acontece nos ensaios literários, sobretudo por parte de estudiosos das literaturas africanas.

PALAVRAS-CHAVE

Literatura-Mundo. Literaturas nacionais. Epistemologia. Estudos pós-coloniais.

¹ O presente trabalho foi realizado no âmbito da rede de pesquisadores do Projeto “O pós-colonial no mundo de língua portuguesa e o lugar das literaturas africanas na literatura-mundo”, com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- CAPES/PRINT-UFPE – Brasil, Cód. 001.

² Professora da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Pesquisadora do Centro de Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa. Pesquisadora Associada do Instituto de Estudos da África da Universidade Federal de Pernambuco (IEAf-UFPE).

Literatura-mundo como um *modo de ler*

(...) a literary work manifests differently abroad than it does at home.

David Damrosch

David Damrosch, um dos mais prolíficos estudiosos da área de Literatura-Mundo, apoia-se, logo na “Introdução” ao seu já clássico livro *What is World Literature?* (2003), no conceito de *Weltliteratur* (ou literatura mundial, como sempre se traduziu esta expressão alemã) de que Goethe havia falado em muitos dos seus ensaios, ainda em 1827, em entrevistas ao seu pupilo Johann Peter Eckermann (2007) (que publicaria essas “Conversações com Goethe”, tão importantes para se conhecer o pensamento ensaístico de Goethe sobre literatura e muitos outros assuntos). Com este termo, Goethe pretendia referir-se ao conjunto do que considerava serem obras-primas da literatura da Europa ocidental, embora não excluísse obras de literaturas não europeias (como a chinesa e a persa), traduzidas para línguas europeias, particularmente a alemã. Nessas referências, em entrevistas e ensaios, Goethe afirmava-se convencido de que a poesia era o único patrimônio da humanidade e que a *Weltliteratur* teria de substituir a literatura nacional – por isso lhe interessava saber o que se passava em outras latitudes literárias...

Outro pilar pré-conceitual de David Damrosch vem do *Manifesto Comunista* (1848), de Karl Marx e Friedrich Engels, segundo os quais “[as] criações intelectuais de uma nação tornam-se propriedade comum de todas” (MARX; ENGELS, 2003, p. 29). Marx e Engels afirmam, vinte anos depois de Goethe, ao falar da relação entre “Burgueses e Proletários” e o papel historicamente revolucionário da burguesia moderna, o seguinte:

Em lugar do antigo isolamento local e da autossuficiência das nações, desenvolvem-se, em todas as direções, um intercâmbio e uma interdependência universais. E isso tanto na produção material quanto na intelectual. As criações intelectuais de uma nação tornam-se propriedade comum de todas. A estreiteza e o exclusivismo nacionais tornam-se cada vez mais impossíveis e das numerosas literaturas nacionais e locais surge a literatura universal (MARX; ENGELS, 2003, p. 29).

Embora diferentes na sua postura (Goethe esvazia a importância de uma literatura nacional, quase decretando o seu fim – senda que Octavio Paz vai perseguir, como veremos –, enquanto em *Manifesto Comunista* existe um sentido de partilha, intercâmbio e interdependência entre as criações intelectuais das nações), os três filósofos, refletindo sobre o lugar da literatura na sociedade moderna, parecem tomar como pilares das suas reflexões três fenómenos: a **circulação** e a **tradução da produção** (literárias) de uma comunidade, de uma nação (que aqui claramente significa país). E são estes elementos fundamentais que intervêm, na perspectiva damroschiana, no processo de transformação da literatura nacional em literatura-mundo – o que constitui a originalidade desse processo de pensar o “universal” a partir do “local”. Tal como Goethe vê a *Weltliteratur*, segundo Damrosch parafraseando Eckermann, menos como um conjunto de obras do que uma rede (DAMROSCH, 2003, p. 11), também a ideia de uma literatura universal com a contribuição de literaturas nacionais são vertentes que privilegiam a circulação e, ainda que não explícita, a tradução – entendendo “tradução” como transferência ou transposição de significados de uma língua para a outra, o que enfatiza papel crítico do multilinguismo no humanismo transnacional (APTER, 2003, p. 281) – e ainda que se possa ver a tradução,

como propõe André Lefevere como reescrita, já em 1981, proposta teorizada em 1992, em *Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame*³.

Podemos então pensar *literatura-mundo* como *literatura do mundo*? Parece lógico, reportando-nos a Goethe e a Marx-Engels, em que Damrosch se apoia. Porém, nestes tempos de globalização e reconhecimento da intensa multiculturalidade (e diferentes modelos da sua gestão que origina formas diferentes de pensá-la) que caracteriza o mundo (diversidade que ainda é vista como fatora de conflitos), a proposta de Damrosch solapa as ideias de *Weltliteratur* de Goethe e o sentido de “literatura universal” do *Manifesto Comunista*. É que, para Damrosch (2003, p. 6), para entender o funcionamento da literatura-mundo precisamos laborar na perspectiva de uma fenomenologia mais do que uma ontologia da obra de arte: uma obra literária *manifesta-se* de maneira diferente fora e em casa⁴.

No entanto, como já disse em outro lugar (MATA, 2013, p. 107), não se pode ter perante esta (nova) categoria dos estudos literários um olhar acrítico (deveria dizer ingênuo?): é que tal abertura do cânone literário desta categoria, eventualmente propulsora de uma diferente metodologia analítica, não significa ausência de um filtro hierarquizante,

³ Logo no prefácio ao livro, André Lefevere afirma: “Translation is, of course, a rewriting of an original text. All rewritings, whatever their intention, reflect a certain ideology and a poetics and as such manipulate literature to function in a given society in a given way. Rewriting is manipulation, undertaken in the service of power, and in its positive aspect can help in the evolution of a literature and a society” (LEFEVERE, 1992, p. xii).

⁴ A afirmação de Damrosch é: “To understand the workings of world literature, we need more a phenomenology than an ontology of the work of art: a literary work manifests differently abroad than it does at home.” (DAMROSCH, 2003, p. 6).

pois o espaço das “literaturas centrais” continua a ditar o ponto de partida da perspectiva – isto é, continua a ser o diálogo com as “grandes figuras”, consideradas “universais”, a iluminar as “figuras menores”, na medida em que continua a ser determinante a prescrição canónica e o “eco” internacional de uma obra ou um autor. O que significa que, não obstante a mais-valia desta categoria, eu tentarei demonstrar, o âmbito da literatura-mundo varia com o que se impõe como “alta” leitura. Trata-se de um “poder suave” que vai sendo exercido através dos manuais escolares, dos escaparates das livrarias, das editoras (e agora, a nível académico, nos *rankings* que delas se fazem), dos prefácios, dos prémios literários, das recensões – enfim, “poder suave” que instâncias da instituição literária ajudam a perpetrar e a perpetuar, através da formação literária. É por isso oportuno convocar aqui a epígrafe com que abro esta reflexão, que resgato: “Não podemos ignorar que o pensamento hegemónico se afirma por meio de um permanente estado de negociação no campo das mentalidades” (FERREIRA, 2017, p. 12).

Se, porventura, a afirmação de Juca Ferreira surgir, para alguns, como inadequada nesta reflexão na medida em que ela pressupõe um questionamento de cariz epistemológico e tal parece ter pouco a ver com este campo em que nos movemos, o campo literário, a resposta a esta dúvida parece simples: é verdade que Juca Ferreira se referia, no campo do cinema e do audiovisual, aos mecanismos de consolidação da hegemonia americana, cujos produtos conformam uma imagem e difundem valores, gostos artísticos (sobretudo no campo do cinema), o que vem permitindo a naturalização de um modo de vida e de uma visão do mundo americanos (FERREIRA, 2017, p. 11-12) – e o que faz a literatura, através

de planos nacionais de leitura, do cânone escolar e manuais escolares, de currículos acadêmicos e outros mecanismos de formação literária?

O mesmo processo de naturalização de um gosto literário, que vai erigir-se a “alta literatura” (agora, por razões de autopolicimento verbal, talvez se diga “literatura séria”, literatura “sem demandas sociais” ou de “legados culturais”, como parece ser a visão de poesia de Eucanaã Ferraz e Bruno Cosentino⁵, também ocorre no âmbito da arte literária. É neste contexto que literatura-mundo, uma categoria dos estudos literários, portanto, uma categoria analítica (e não da arte literária), permite uma interrogação sobre a hegemonia de determinadas expressões culturais e artísticas – sobretudo literárias, o que aqui nos interessa: numa simples observação apenas uma pessoa muito distraída acha natural que desde a sua instituição em 1901, apenas um escritor de língua portuguesa tenha sido agraciado com o Prémio Nobel da Literatura – sem falar de outras desigualdades no mundo da língua portuguesa, em que a categoria estética se intersecciona com outras como raça, etnia e origem sociocultural. E é precisamente o recurso à categoria de literatura-mundo que nos pode levar a palmilhar, tratando-se de literatura e tendo como “ângulo de observação” (BUESCO, 2013) as literaturas dos Cinco, os diferentes espaços geográficos e lugares simbólicos em que se geram literaturas tanto em português quanto em África. Convém, no entanto, referir, dentro desta questão da produção em português, que não é especiosa a diferença entre “literaturas dos países africanos de língua portuguesa” e

⁵ Curadores do evento “Oficina Irritada (Poetas Falam)”, uma oficina de criação literária no Instituto Moreira Salles, de 7 a 9 de Maio de 2019, entretanto cancelado por causa da polémica que se levantou com uma “Nota de repúdio” intitulada “Movimento Respeita! Coalizão de Poetas” e subscrita por poetas negros. <https://www.evensi.com/oficina-irritada-poetas-falam-instituto-moreira-salles/304641818>

“literaturas africanas em português”, pois há um *corpus* de produção literária que não se atualiza em português, como em Cabo Verde, em São Tomé e Príncipe e na Guiné-Bissau, em que existem escritores que escrevem em línguas crioulas – enquanto em Angola e em Moçambique também se registam experiências de escrita em línguas africanas, embora sem regularidade ou sistematicidade. Isso significa que falar de literatura-mundo em Cabo Verde ou em Angola será diferente de fazê-lo em Portugal ou no Brasil como ângulos de observação, considerando os “pontos de intersecção que devem ser reconhecidos e caracterizados de forma preferencial” (BUESCU, 2013a, p. 216) – daí que perspectivar literatura-mundo a partir de Cabo Verde seja olhar não apenas para as literaturas africanas em português ou literaturas em português, mas, inevitavelmente, também, para as literaturas insulares ou literaturas da Macaronésia. Vale convocar aqui, a propósito da eleição de um lugar como simbólica e estrategicamente diferenciado, o que diz Helena Buescu naquela que é a primeira obra de sistemática reflexão sobre as perspectivas da Literatura-Mundo em português, *Experiência do Incomum e Boa Vizinhança. Literatura Comparada e Literatura-Mundo* (BUESCU, 2013) – se excetuarmos o *dossiê* da revista *1616: Anuário de Literatura Comparada* (USAL, 2013), dedicado à literatura-mundo em português:

[P]erspectivar a literatura-mundo a partir de um ponto de observação situado em Portugal é inevitavelmente compreender que é impossível falar de literatura portuguesa sem reconhecer as suas ligações umbilicais a uma série de outras literaturas que, por usarem também o português como língua de expressão literária, com ela encontram pontos de intersecção que devem ser reconhecidos e caracterizados de forma preferencial. E é ainda reconhecer que a situação histórica e geográfica de Portugal implica olhar também para a Europa e o seu passado como outros lugares que estabelecem pontes inevitáveis com a literatura portuguesa (BUESCU, 2013, p. 216).

A propósito dessas “pontes”, há ainda que reconhecer – aqui e em qualquer estudo comparado – que as diferenças só existem num quadro de *semelhanças* e que estas só existem num quadro de *diferenças*. O que se processa nessa categorização que busca *semelhanças* e *diferenças* é precisamente “um espaço que historicamente é de partilha e convivência, mas também de subordinação e luta” (FONSECA, 2014, p. 1). É por isso que me pareceu pertinente começar esta reflexão com a citação em epígrafe porque ela sugere a premência de pluralidade de formulações teóricas e práticas analíticas a conformarem uma “ecologia de saberes”, na expressão de Boaventura Sousa Santos quando propõe a necessidade de se convocarem “epistemologias do Sul” (normalmente marginalizadas na produção científica), para dar conta da “diversidade epistemológica do mundo” (SANTOS 2006, p. 16): podemos entender essa ecologia como sendo de diferentes tradições, visões e *corpora* literários – para a qual é necessário considerarem-se outras racionalidades alternativas a partir de experiências sociais, políticas e culturais e, também, estéticas, de sistemas e tradições marginalizados pela ideologia do “cânone literário”, de que Harold Bloom parece ser a voz mais emblemática, que foi adotada e parece ter sido internalizada em locais em que Harold Bloom parece ser um nome problemático, mesmo por aqueles que, curiosamente, têm a mesma visão dogmática de cânone literário (sobretudo por se ter transformado em ideologia, o que parecia ser apenas uma proposta que poderia, ou não, ser adotada de forma geral)⁶. O que quer dizer que é preciso, no âmbito da produção cultural,

⁶ Eu não faço parte do grupo que considera Bloom “incitável” porque vejo essa sua primeira lista de 26 autores *apenas* como um “plano de leitura”, como, aliás, o próprio considera, embora eu também considere

de que a literatura é uma vertente, considerarem-se outros paradigmas, perspectivas, gostos estéticos e, sobretudo, pontos de observação, para dar conta da diversidade das tradições literárias: assim, neste contexto, é produtivo pensar-se literatura-mundo como uma forma de imputação de tradições literárias que se pensariam improváveis, mas que se tornam lógicas quando sugeridas: por exemplo, estudar as literaturas africanas sem considerar como um subsistema literário que dialoga com a literatura de autoria individual os *corpora* da literatura de tradição oral (ou de transmissão oral, como prefere Lourenço do Rosário (1987, p. 2009), como ainda se vem fazendo (pois essa literatura tem sido confinada – embora cada vez menos – a um tratamento etnográfico e ao estudo antropológico), é ser-se eurocêntrico na visão do literário, é não ter como ângulo de observação outros *locais da cultura*, das “literaturas fora do cânone”⁷ – diferentes dos *corpora* que constituem a base do “cânone literário” dos manuais de ensino do Português e da Literatura.

É então que esse *modo de ler* se torna um instrumento importante pois, como afirma Damrosch, a literatura-mundo não é um infinito, inapreensível cânone das obras, mas sim um modo de circulação e de leitura, um modo que é tão aplicável a obras individuais quanto

que o grande “defeito” desse plano de leitura – a que convencionamos chamar cânone – seja a sobrevalorização da dimensão estética, desconsiderando-se as outras dimensões da literatura (a sociocultural e a histórica).

⁷ Título de uma mesa-redonda da 1ª. edição do FLMSal (*Festival de Literatura-Mundo do Sal*, 06-09 de Julho de 2017), com a participação de Eric M. B. Becker, Inocência Mata, Jerónimo Pizarro, Joaquim Arena, Patrícia Infante da Câmara, Sérgio Rodrigues e a moderação de José Luís Peixoto.

a um corpo de obras, um modo disponível tanto para ler clássicos consagrados quanto para ler novas descobertas⁸. E continua:

It is important from the outset to realize that just as there never has been a single set canon of world literature, so too no single way of reading can be appropriate to all texts, or even to any one text at all times. The variability of a work of world literature is one of its constitutive features—one of its greatest strengths when the work is well presented and read well, and its greatest vulnerability when it is mishandled or misappropriated by its newfound foreign friends (DAMROSCH, 2013, p. 5).

Literatura-mundo como perspectiva epistemológica

Pensemos então literatura-mundo como um *modo de ler* que pressupõe uma leitura descentrada, pois não existe literatura-mundo que não seja literatura comparada. Com efeito, vale sempre lembrar que sem uma perspectiva comparatista a literatura-mundo seria um catálogo de textos sem diálogo, analogias, cruzamentos de *diferenças e semelhanças*...

Essa dimensão de descentramento e pluralidade, que decorre de uma discussão sobre literatura-mundo, tem de ser considerada quando falamos em literaturas em português e literaturas africanas em português (no caso, podendo ter como pontos de observação uma das literaturas em português), por causa da mudança de paradigma na análise literária. Nem sempre foi assim. É preciso lembrar que, durante muito tempo, no estudo das literaturas dos Cinco⁹ (refiro-me aos países africanos de língua oficial

⁸ A afirmação de Damrosch é: “My claim is that world literature is not an infinite, ungraspable canon of works but rather a mode of circulation and of reading, a mode that is as applicable to individual works as to bodies of material, available for reading established classics and new discoveries alike” (2003, p. 5).

⁹ Como faço sempre questão de referir, privilegio esta designação dos países de língua portuguesa de África, em detrimento de PALOP, não apenas pelo equívoco que encerra (são países de outras línguas também,

portuguesa) privilegiava-se o estudo interno em claro detrimento de uma perspectiva comparatista que, quando existia, se restringia aos *corpora* dessas literaturas, como já referi em outro lugar, “embora se reconhecesse pertencerem a sistemas culturais e geográficos diferentes, eram consideradas bem próximos em termos históricos e simbólicos” (MATA, 2013, p. 104). Na verdade, vivia-se uma época de uma análise contextual intensamente política que desencadeava a exclusão da nacionalidade literária de certos autores e suas produções (designadamente aqueles cuja escrita não era claramente nacionalista) e de “poetas nacionais”, obviamente por estritas razões políticas – como é o caso de Agostinho Neto, referido então como o “nosso poeta nacional”, como se um poeta como António Jacinto, Viriato da Cruz ou Mário António não fossem também nacionais... Por outro lado, enquanto nos países africanos recém-independentes, nos cursos de Letras ainda vigoravam, em certa medida, currículos antigos, em Portugal, as literaturas africanas entraram como matéria autônoma nos currículos dos cursos Letras a partir de 1975, pelas mãos de Manuel Ferreira, na Faculdade de Letras da então Universidade Clássica de Lisboa (embora em currículos de algumas universidades, ainda, fossem designadas “literaturas ultramarinas”); por seu turno, os primeiros estudos dessas literaturas no Brasil podem, em certa medida ter contribuído para acirrar essa perspectiva sincrónica pois, porque não havia uma disciplina em que autores e obras africanos pudessem ser estudados a nível superior (apesar de o “Brasil militar” ter sido dos primeiros países a reconhecer esses países africanos como

sobretudo do crioulo que em três deles é realmente “língua nacional”), mas sobretudo na esteira de Mário Pinto de Andrade para quem a designação “os Cinco” resgata a utopia da fraternidade dos tempos da luta anticolonial, com a criação da CONCP – Conferência das Organizações Nacionalistas das Colônias Portuguesas, fundada sob a égide de Amílcar Cabral em 1961, em Rabat, Marrocos.

Estados independentes), professores de Literatura Portuguesa, conscientes da importância da diversidade literária em língua portuguesa num curso de Letras, incluíam obras e autores africanos em programas de Literatura Portuguesa. Embora se possa pensar num eventual efeito contraproducente dessa estratégia de visibilização, vale assinalar que foi por essa via que essas literaturas começaram, nos primórdios do seu estudo, a tornar-se familiares aos estudantes de Letras – contam-se, nesse percurso, alguns pioneiros em instituições que ainda hoje são uma fronteira firme na visibilização das literaturas africanas: na USP, com Fernando Mourão (então no âmbito do recém-criado Centro de Estudos Africanos, em 1966) e Maria Aparecida Santilli (1976); na UFRJ, com Jorge Fernandes da Silveira (1973); na PUC-Rio, com Vilma Arêas (1977); na UERJ, com Maria Aparecida Ribeiro (1986), e, na UFF, com Laura Cavalcante Padilha (1989) – sem contar o importante trabalho de Dirce Cortes Riedel (UERJ) com a coleção “Literaturas em curso”, particularmente de “Literatura Portuguesa em Curso” (1970) e “Autores para o Vestibular” (1973), em cujos *corpora* eram incluídos autores africanos (LIMA, 2016)¹⁰.

Porém, a partir dos anos 90 do século XX, começou a verificar-se a alteração desse paradigma de circunscrição da produção literária africana a uma dimensão estritamente interna e marcadamente político-ideológica (MATA, 2013, p. 105) – o que, não raro, tinha uma intenção teleológica: a de transformar cada escritor em nacionalista, o que justificava a exclusão de determinados escritores dos sistemas que se ia reconhecendo como nacionais,

¹⁰ Ver: Norma Lima (2016). “Literaturas em curso: o pioneirismo de Dirce Côrtes Riedel”. Agradeço também aos colegas e amigos Mário César Lugarinho (USP) e Sílvia Renato Jorge (UFF) pela ajuda na recolha destes dados.

pois a literatura foi a arte por excelência na ontologia dos movimentos de libertação, tendo em conta o lugar dos “políticos-poetas” na direção dos partidos nacionalistas (Angola terá sido, porventura, o mais ostensivo caso, mas em todos os movimentos de libertação esta foi uma constante). E tão importante foi essa filosofia que, logo após as independências, políticos houve que “terão sentido a necessidade” de publicar os seus poemas em livro, como foram os casos da são-tomense Alda Espírito Santo (*É Nosso o Solo Sagrado da Terra*, 1978) e do guineense Vasco Cabral (*A Luta é a Minha Primavera*, 1981). Com a publicação dos *Papéis da Prisão* (2015), de Luandino Vieira, essa ontologia da libertação ganhou novo revivalismo, como se pode ver nos seguintes excertos de uma extensa entrevista a Margarida Calafate Ribeiro e Roberto Vecchi, os editores dos dezoito cadernos que compõem os *papéis*:

Posso dizer que a partir do ano de [19]61, sobretudo depois do 4 de Fevereiro de 61, todo o trabalho literário era um trabalho em que eu já estava encarcerado, porque não havia possibilidade de o publicar. Era um tempo de grande ação cultural onde fosse possível, nos jornais, nas associações, nos clubes... (...) Mas depois do 4 de Fevereiro de 61 começámos a escrever para Lisboa regularmente para os colegas da Casa dos Estudantes do Império, que publicavam a *Mensagem*, e em Luanda nós tentávamos, e, às vezes, conseguíamos, um subsídio para apoiar as publicações da Casa dos Estudantes do Império (VIEIRA, 2015, p. 1042).

Neste contexto, no entendimento dessas literaturas, que partiu do estudo do universo da reinvenção da diferença cultural do português nos espaços nacionais que o têm como língua de expressão literária (MATA, 2009), foram sendo referidos aspectos que têm a ver com trânsitos não apenas linguísticos e culturais, mas também históricos e ideológicos, com reflexos nos estudos literários, a partir de perspectivas teóricas que desvelavam as relações entre essas literaturas, ao mesmo tempo que as tornavam singulares enquanto

sistemas nacionais. É também neste âmbito que se foram desvelando os diálogos intertextuais entre escritores africanos e portugueses (no caso bem ostensivo entre os claridosos e presencistas, entre autores do nacionalismo literário e neorrealistas) e autores brasileiros, quer modernistas (Manuel Bandeira, porventura o escritor brasileiro mais glosado, mas ainda Carlos Drummond de Andrade) quer os autores da escrita do Nordeste (Jorge Amado, Lins do Rego, Graciliano Ramos, Ribeiro Couto): para comprovar esses trânsitos intertextuais existem não apenas os paratextos (dedicatórias e epígrafes) de textos literários angolanos e cabo-verdianos, mas ainda as paráfrases e os ecos das produções brasileiras em textos africanos – quem não se lembra do poema “Palavra Profundamente”, de Jorge Barbosa (1958), o roteiro de “Itinerário de Pasárgada”, de Osvaldo Alcântara (1991), ou o longo poema de Maurício Gomes (1957/1976) “Exortação” e o seu mote “É preciso inventar a poesia de Angola”? Ou o diálogo intertextual – relevando o que Bloom (2017) designaria como a “angústia da influência”, essa espécie de “amor literário temperado pela defesa” – com a literatura negra norte-americana e o romance de crítica social (a que bem poderíamos chamar romance neorrealista), sobretudo de autores como William Faulkner e John Steinbeck.

E mesmo considerando que “a configuração de um cânone não é coincidente com a formação e com a consolidação sociocultural de uma literatura nacional, sendo-lhe inevitavelmente subsequente” (REIS, 2017, p. 32), o certo é que essa mudança de paradigma metodológico, que refletia o reconhecimento da existência de um “sistema de vasos comunicantes” (MATA, 1992) entre essas literaturas que emergiam de um mesmo contexto, não desconsiderava, porém, a “tradição literária” que se supunha ser a matriz

das “literaturas nacionais”. O que se passa é que essa mudança era também de ordem epistemológica pela medida em que, incidindo sobre as condições do conhecimento, não apenas confirmava o reconhecimento da sua capacidade trans-histórica e o caráter supranacional de certos fenômenos estéticos e literários (BUESCU, 2013, p. 36), como ainda permitia, por isso, captar a transnacionalidade dos estilos e a dinâmica das interlocuções entre esses sistemas, nas suas “conjunções e disjunções”¹¹, tensões e distensões, parafraseando Octavio Paz, que fala em “estilos translinguísticos” para referir que “nenhuma tendência nem nenhum estilo têm sido nacionais, nem sequer o chamado ‘nacionalismo artístico’”(PAZ, 1980, p. 16-17).

É assim que se torna produtivo pesquisar um dos lugares mais temerários (dada a dimensão teleológica da crítica, como já referi) dessa interlocução para além da cumplicidade entre os espaços que se exprimem em português. Com efeito, nesse ângulo de “observação em português”, é possível ver essas semelhanças e diferenças na literatura de ontem, o tempo colonial – por um lado, a produção africana marcada pela estética anticolonial e a portuguesa simultaneamente pela estética colonial (que conciliava a apologia colonialista com a transterritorialidade do espaço imperial) e, por outro, a neorrealista (que aliava a resistência antifascista à transformação do social); e na de hoje, época em que se fala, categoricamente, em “literaturas nacionais”, em que é possível assacar interlocuções pós-coloniais que essas literaturas geram – por exemplo, entre *Mayombe* (1980), de Pepetela, e *Jornada de África* (1986), de Manuel Alegre, em que a

¹¹ Título de um livro de Octavio Paz (1979), *Conjunções e Disjunções*.

guerra (em Angola, por sinal) surge com toda a sua disseminação contra discursiva quer da ideologia nacionalista, quer da ideologia do Estado Novo; ou, por exemplo, o diálogo, possível, entre *O Retorno* (2012), de Dulce Maria Cardoso, e *Luanda, Lisboa, Paraíso* (2018), de Djamilia de Almeida, em que o deslocamento e o condição de exílio surgem como potenciadores do processo rememorativo como catarse. Pode dizer-se, neste contexto, que existe a atualização da proposta metodológica de Cláudio Guillén (1993), em *Entre lo Uno y lo Diverso. Introducción a la Literatura comparada*, de que devem ser consideradas tensões entre “local e universal” e “uno e diverso”, a fim de que se estabeleça um diálogo entre unidade e diversidade.

Estamos, assim, próximos da perspectiva da categoria de literatura-mundo como proposta de “provincialização” a literatura *mundial*, pois é neste campo que eu situo esta discussão sobre a busca do diálogo entre a pluralidade das diferentes expressões literárias do mundo – como julgo ser a proposta de Dipesh Chakrabarty (2008) em *Provincializing Europe: Postcolonial Thought and Historical Difference*, quando fala de “provincialização da Europa” como metáfora para a reivindicação da contribuição que o império, parte do “resto do mundo”, para parafrasear Stuart Hall (1993), *West/Rest*: “[P]rovincializing Europe becomes the task of exploring how this thought – which is now everybody’s heritage and which affects us all – may be renewed from and for the margins” (CHAKRABARTY 2008, p.16).

As expressões das margens, obviamente marcadas por maior diversidade estrutural das suas tradições e culturas dada a divergência histórica (BUESCU; MATA, 2018, p. 28) – têm obviamente sido fundamentais para a construção da realidade literária

contemporânea, através de uma reinterpretação da história e da cultura a partir das suas margens, o ex-império. Essa contemporaneidade é, portanto, tanto da Europa, lugar geopolítico e histórico em que Portugal se situa e com o qual, por essa razão, dialoga de forma também histórica e simbolicamente (BUESCU; MATA, 2018, p. 26) – mesmo para quem possa considerar a literatura portuguesa como uma “European literary periphery” (WreC, 2015, p. 115) no âmbito da reflexão sobre zonas de desigualdades dentro da Europa –, quanto dos espaços literários em português com as quais a literatura portuguesa “dialoga de forma privilegiada, não como parcelas de um hipotético ‘feudo’, porém na perspectiva de um colectivo que não se esboroa face às diferentes singularidades” (BUESCU; MATA, 2018, p. 26-27) – considerando os “pontos de intersecção que devem ser reconhecidos e caracterizados de forma preferencial” (BUESCU, 2013, p. 216).

E precisamente porque o princípio metodológico que emerge do cruzamento entre essas categorias teóricas é a inclusividade, com essa proposta de renovação de que fala Chakrabarty, que é claramente de ordem epistemológica, torna-se, assim, imprescindível afirmar a indispensabilidade das criações estéticas do ex-império para integrar formulações do aparelhos teóricos e críticos e suas categorias – pelo menos ao nível académico – a fim de compreender a contemporaneidade pós-colonial, ultrapassando, mas não neutralizando, a dimensão estritamente nacionalizante dos estudos de literatura e a preocupação com a dimensão “universal” dos escritores, sempre comparados aos “ocidentais”, como se de um *upgrade* estético se tratasse... Literatura-mundo pode então definir-se como o conjunto de todos os textos que circulam fora do seu sistema de origem, através da tradução ou da comercialização fora do espaço original, e que começam a ser reconhecidos por outros

sistemas, operando-se, assim, uma relativização de um conceito tão caro à crítica tradicional e conservadora – universal – que claramente releva de uma visão hegemônica de cultura literária, que desconhece qualquer relativização. É essa relativização necessária para o desenvolvimento de uma competência intercultural que constitui elemento importante numa formação comparatista – ainda que se tenha consciência de um “combined and uneven development” que origina, também na Europa, zonas de periferia e semiperiferias literárias:

The processes of 'centralisation' (becoming 'core') and 'peripheralization' are multi-scalar, playing themselves out at multiple levels – neighbourhood, city, nation, region, macro-region – in addition to that of the world-system itself. Literature originating from (semi-) peripheral nations is very frequently produced by metropolitan writers who inhabit a 'core' relative to a 'periphery' within the (semi-)periphery itself... (WreC, 2015, p. 55).

Considerações finais: Outros pilares desta categoria

Uma das críticas que se faz a David Damrosch nesse livro seminal, *What is World Literature?*, é precisamente a vastidão do um qualquer conhecimento sobre a literatura do mundo. É que o que ele conhece é sempre condicionado pela ideologia do cânone do leitor (como acontece com *O Cânone Ocidental*, de Harold Bloom, que, por isso, de acordo com as sucessivas críticas, vai sendo atualizado e revisto pelo próprio autor). Também Cláudio Guillén questiona a eficácia epistemológica de uma tal categoria:

What can one make of such an idea? The sum total of all national literatures?
A wild idea, unattainable in practice, worthy not of an actual reader but of a deluded keeper of archives who is also a multimillionaire. The most harebrained editor has never aspired to such a thing (GUILLÉN, 1993, p. 38).

Entendida como “refracção elíptica das literaturas nacionais”, que muito ganha com a tradução (DAMORSCH, 2003, p. 281), este utensílio de análise, que considera a dimensão capilar das literaturas nacionais (que não são de todo desconsideradas, na senda de Goethe ou de Octavio Paz), ilumina a mudança de paradigma na análise crítica das relações literárias. Obrigando a um olhar (multi-)lateral do texto, a literatura-mundo impõe um descentramento que permite ver para além da sincronia e diacronia do sistema em que se insere: permite potenciar a dimensão anamorfótica da atividade do crítico¹². Trata-se, a meu ver, de uma mudança decorrente de um processo de representação dicotômica: por um lado, o reconhecimento da importância das histórias locais, de territórios considerados da margem, para a compreensão de histórias supranacionais, portanto, o reconhecimento de que aquelas “histórias minoritárias” são parte de uma história global – sendo, no caso, as suas expressões literárias importantes para a conformação da série *mundial*; por outro, no caso que nos interessa – literaturas africanas, literaturas dos países de língua portuguesa e, particularmente, literaturas em português¹³ –, apesar de ser ainda com “os olhos do império” (PRATT, 1992), esse reconhecimento vem-se fazendo com base em teorias (literárias e culturais) que não imaginavam aqueles *corpora* “fora do cânone” como parte integrante de uma formulação canônica *mundial*, cujo monolitismo epistemológico vai

¹² Numa palestra no Departamento de Português da Universidade de Macau, no dia 22 de Março de 2018, Helena Buescu refere o quadro *The Ambassadors* (1533), do pintor alemão Hans Holbein the Younger, como exemplo dessa técnica de olhar para a obra “de lado”. Cito, também, o tríptico *As Tentações de Santo Antão*, do pintor holandês Hieronymus Bosch (1495-1500).

¹³ Ver a consideração que teço atrás por causa das designações.

sendo desconstruído pela intersecção daquelas experiências e vivências nas representações contemporâneas. Nesse processo a tradução tem um papel fundamental pois uma obra de literatura-mundo ganha muito com a tradução ainda que possa perder(-se) na tradução...

Com efeito, a tradução, então uma prática pouco prestigiante em certa cultura acadêmica, pelo menos nos estudos da literatura estrangeira, ganha foros de cidadania nesta discussão à volta desta metodologia comparatista. Para compreender o alcance deste fenômeno de circulação de obras literárias em outras línguas, mesmo europeias, é paradigmática a pergunta (retórica) de Damrosch em vários de seus ensaios, “Could literature legitimately live, and be studied, in translation, or only in the original languages?”. É que a *circulação* e a *tradução* da produção literária de uma comunidade, de uma nação (isto é, aqui, um país), são dois processos fundamentais, na perspectiva damroschiana, que intervêm na transformação da literatura *nacional* em literatura *mundial*, até porque para Octavio Paz, “tradução e criação são operações gêmeas”, podendo-se entender aqui “tradução” como inteligibilidade universal face à diversidade das línguas culturais. Diz, a propósito, o Nobel mexicano em *Traducción: Literatura y Literalidad* que –

La traducción dentro de una lengua no es, en este sentido, esencialmente distinta a la traducción entre dos lenguas, y la historia de todos los pueblos repite la experiencia infantil: incluso la tribu mas aislada tiene que enfrentarse, en un momento o en otro, al lenguaje de un pueblo extraño.

(...)

Cada texto es único y, simultáneamente, es la traducción de otro texto (PAZ, 1980, p. 8-9).

É essa ideia de “tradução” que pode constituir um desafio na mudança para este novo paradigma, também o desafio do projeto COMPARATIVE WORLD LITERATURE/

LITERATURA-MUNDO COMPARADA: PERSPECTIVAS EM PORTUGUÊS, sediado no Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa¹⁴. Por isso, a sua eficácia consiste na sua transversalidade e na sua capacidade de ordenar a tendência centrifugante, favorecendo uma compreensão dinâmica das literaturas em diálogo: por exemplo, tomando como ponto de observação as de língua portuguesa, emergem novas iluminações à polémica entre o português Pinheiro Chagas e o brasileiro José de Alencar, à relação entre o movimento da *Presença* e o da *Claridade*, às contaminações da estética neorrealista nas literaturas africanas (e à modelização que este movimento operou na Negritude de língua portuguesa), e da estética do Modernismo brasileiro e do romance nordestino nas literaturas africanas; ou ainda aos *pastiches* e paródias ideológicas a *Os Lusíadas* da autoria do moçambicano João Pedro Grabato Dias (António Quadros) em *As Quybyrycas* – 1972 (cf. MATA, 2013, p. 103-118) e do angolano Pepetela em “Estranhos pássaros de asas abertas” (PEPETELA, 2008).

Recife, maio de 2018/ Lisboa, maio de 2020.

¹⁴ Com a coordenação científica geral de Helena Carvalhão Buescu, o projecto constou de três partes: Parte I – *Literatura-Mundo Comparada: Perspectivas em Português I. Mundos em Português* (vol. 2 e 2), coordenada por Helena Carvalhão Buescu e Inocência Mata (Lisboa: Tinta da China, 2018); Parte II – *Literatura-Mundo Comparada: Perspectivas em Português II. O Mundo Lido: Europa* (vol. 3 e 4), coordenada por Helena Carvalhão Buescu, Cristina Almeida Ribeiro, Maria Graciete Silva e Simão Valente (Lisboa: Tinta da China, 2018); e Parte III – *Literatura-Mundo Comparada: Perspectivas em Português III. Pelo Tejo Vai-se para o Mundo* (vol. 5 e 6), coordenada por Helena Carvalhão Buescu e Simão Valente (Lisboa: Tinta da China, 2020).

REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA, Osvaldo - pseudônimo poético de Baltasar Lopes da Silva. (1991). *Cântico da Manhã Futura* (poemas). Linda-a-Velha: ALAC-África, Literatura, Arte e Cultura. (1ª edição do livro é de 1986, Praia, Banco de Cabo Verde).
- ALEGRE, Manoel. 1986. *Jornada de África*. Lisboa: Dom Quixote.
- ALMEIDA, Djamilia de. 2018. *Luanda, Lisboa, Paraíso*. Lisboa. Companhia das Letras.
- APTER, Emily. 2003. Global Translation: The “invention” of Comparative Literature. *Istanbul, 1933. Critical Inquiry*, Chicago, 29 (2), p. 253-281.
- BARBOSA, Jorge. 1958. Palavra Profundamente. *Claridade*, nº 8, São Vicente, Maio de 1958, p. 26.). Incluído, também, em: BARBOSA, Jorge. 2002. *Obra Poética*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda/Associação de Escritores Cabo-verdianos (p. 301-302).
- BLOOM, Harold. 2011. *O Cânone Ocidental: Os grandes livros essenciais de todos os tempos*. Lisboa: Temas e Debates.
- BLOOM, Harold. 2017. *A Angústia da Influência*. Lisboa: Cotovia.
- BUESCU, Helena Carvalhão. 2013. *Experiência do Incomum e Boa Vizinhaça*. Literatura Comparada e Literatura-Mundo. Porto: Porto Editora.
- BUESCU, Helena Carvalhão. 2013a. “Literatura-mundo: perspectivas em português”. In: *Convergência Lusíada* n. 29, janeiro - junho de 2013, p. 216-220.
- BUESCU, Helena Carvalhão: MATA, Inocência. 2018. *Literatura-Mundo Comparada: Mundos em Português*, Tomo I. Lisboa: Tinta da China.
- CABRAL, Vasco. *A luta é a minha primavera: poemas* Oeiras : África Editora, 1981.
- CARDOSO, Dulce Maria. 2012. *O Retorno*. Lisboa: Tinta da China.
- CHAKRABARTY, Dipesh. 2008. *Provincializing Europe: Postcolonial Thought and Historical Difference*. Princeton and Oxford: Univ. Princeton.
- DAMROSCH, David. 2009. Frames for World Literature. In: Simone Winko; Jannidis Fotis; Gerhard Lauer (Eds.). *Grenzen der Literatur. Zu Begriff und Phänomen des Literarischen*. Berlin-New York: Walter de Gruyter.
- _____. 2003. *What is World Literature?* Princeton: Princeton University Press.
- ECKERMAN, Johann Peter. 2007. *Conversações com Goethe* (tradução de Luís Silveira). Lisboa: Vega.
- ESPÍRITO SANTO, Alda. 1978. *É nosso o solo sagrado da terra*. Lisboa: Ulmeiro, 1978.
- EVENSE. 219. Oficina Irritada (Poetas Falam. Disponível em: <https://www.evensi.com/oficina-irritada-poetas-falam-instituto-moreira-salles/304641818>
- FERREIRA, Juca. 2017. Prefácio. In: Frantjesco Ballerini. *Poder Suave (Soft Power)*. São Paulo: Summus Editorial, p. 11-12.

FONSECA, Ana Maria. Em português nos entendemos? Lusofonia, literatura-mundo e as derivas da escrita. *Configurações* [Online], 12, 2013 (27.out 2014). Disponível em: <http://configuracoes.revues.org/2041> Acesso em 11.nov 2015.

GOMES, Maurício. 1957/1976. Exortação (1957). In: Manuel Ferreira (Org.), *No Reino de Caliban : Antologia panorâmica da literatura africana de expressão portuguesa II*. Angola; São Tomé e Príncipe; Lisboa: Seara Nova, 1976, pp. 85-89.

GUILLÉN, Cláudio. 1993. *The Challenge of Comparative Literature*. Cambridge; MA: Harvard University Press.

HALL, Stuart. 1996. The West and the Rest; Discourse and Power. In: Stuart Hall, David Held, Don Hubert, Kenneth Thompson (Editors) *Modernity: An Introduction to Modern Societies*. Cambridge, MA: Blackwell Publishing, p. 201-277.

LEFEVERE, André (Ed.) 1992. *Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame*. London and New York: Routledge.

LIMA, Norma. 2016. Literaturas em curso: o pioneirismo de Dirce Côrtes Riedel. *Matraga*, Rio de Janeiro, v.23, n.39, jul/dez. 2016, p. 68-87.

MATA, Inocência. 2018. Uma interrogação sobre o ensino das literaturas em português: entre o “cânone lusófono” e a “emoção estético-patriótica”. In: *Via Atlântica*, São Paulo, n. 33, p. 409-420, jun/2018.

_____. 2013. Literatura-mundo em português: encruzilhadas em África. In: 1616: *Anuário de Literatura Comparada* (Ediciones Universidad de Salamanca), n. 3, 2013, pp. 103-118.

_____. 2009. A literatura, (ainda) universo da reinvenção da diferença. In *Gragoatá – Revista dos Programas de Pós-graduação em Letras da UFF*, Niterói, n. 272, 2009, p.11-31.

_____. 1992. *Pelos trilhos da literatura africana em língua portuguesa*. Irmandades da Fala da Galiza e Portugal.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. 1948/2003. *Manifesto Comunista*. São Paulo: Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann.

PAZ, Octavio. 1979. *Conjunções e Disjunções*. São Paulo: Perspectiva

_____. 1980. *Traducción: Literatura y Literalidad*. Barcelona: Tusquets.

PEPETELA. 1980. *Mayombe*. Lisboa: Dom Quixote.

_____. 2008. *Contos de Morte*. Lisboa: Edições Nelson de Matos.

PORRA, Véronique. 2008. Pour une littérature-monde en français”: Les limites d’un discours utopique. In: *Intercâmbio* (2nd ser.) 1. p. 33-54.

PRATT, Mary-Louise. 1992. *Os Olhos do Império: Relatos de viagem e transculturação*. Bauru: EDUSC.

SANTOS, Boaventura de Sousa. 2006. *A Gramática do Tempo*: Para uma nova cultura política. Porto: Edições Afrontamento.

REIS, Carlos. 2017. Diversidade e cânone literário: cinco teses. In: Ana Maria Ferreira; Carlos Morais; Maria Fernanda Brasete; Rosa Lúcia Coimbra (Eds.). *Pelos mares da Língua Portuguesa* 3. Aveiro: UA Editora, 2017, p. 29-43.

ROSÁRIO, Lourenço Joaquim da Costa. 1987. A oralidade através da escrita na Voz Africana, v. 2, p. 14-15, 1987.

_____. 2009. *Antologia do Conto Africano de Transmissão Oral*. Alfragide, Gailivros.

USAL. 2013. 1916, *Anuário de Literatura Comparada*, 3. Universidade de Salamanca, Salamanca. Disponível em: <http://www.a360grados.net/sumario.asp?id=4071>

VIEIRA, Luandino. 2015. *Papéis da Prisão – apontamentos, diário, correspondência (1962-1971)*. (Orgs) Margarida Calafate Ribeiro; Mónica V. Silva; Roberto Vecchi. Lisboa: Editorial Caminho.

WreC (Warwick Research Collective). 2015. *Combined and Uneven Development: Towards a New Theory of World-Literature*. Liverpool: Liverpool University Press.

**THE EPISTEMOLOGICAL SURPLUS-VALUE
OF *COMPARATIVE WORLD-LITERATURE* IN LITERARY AND
POST-COLONIAL STUDIES**

ABSTRACT

As a category of Comparative Literature, World Literature – *an elliptical refraction of national literatures* – is therefore be considered a mode of reading and of circulation, according to David Damrosch (2003, p. 281), a method which can be applied to the study of both classical and “new” works, especially those works from post-colonial spaces and times, that is, works by writers from former colonized spaces and former metropolis. The paper aims to study how this category – World Literature – allows to consider other paradigms, perspectives, aesthetic tastes and, above all, points of observation, to account for the diversity of literary traditions, without a hierarchical standard, as it usually happens in literary studies, especially by scholars and critics of African literatures.

KEYWORDS

World Literature. National literature. Epistemology. Post-colonial studies.